

DIÁRIO: UM INSTRUMENTO DE REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Mirtes Gonçalves H. de Carvalho
Teresa Christina T. Silva Honório

Considerações iniciais

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o sentido da avaliação, a partir de uma experiência sobre o uso do diário reflexivo, no curso de formação de professores para as séries iniciais. Utilizamos este instrumento como uma alternativa para a avaliação do processo de aprendizagem dos alunos-professores e como estratégia que contribui para a formação de professores reflexivos. O interesse sobre esta prática está ancorado na nossa trajetória como docente em diferentes níveis de escolaridade e nos questionamentos sobre os procedimentos avaliativos classificatórios, historicamente construídos e marcadamente excludentes que ainda acompanham o cotidiano da sala de aula e que começaram a ser questionados e repensados.

Esta experiência se efetivou no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia: Magistério para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental- convênio Universidade Federal do Piauí- UFPI e prefeituras dos municípios de Floriano e Nazaré do Piauí. Esse curso tinha como objetivo geral:

Qualificar professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental, da Rede Municipal de Ensino em parceria com a UFPI, contribuindo para a formação de um profissional comprometido com as questões culturais e educacionais locais, regionais e nacionais, bem como, com as questões relativas à realidade político-econômico-social-ético numa perspectiva crítica e transformadora.

E como objetivos específicos:

- Contribuir para definição e implementação de uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, da Rede Pública Municipal de Ensino dos Municípios Piauienses em parceria com a UFPI.
- Proporcionar as condições teórico-prático-reflexivas para que o professor das séries iniciais do Ensino Fundamental compreenda sua práxis, buscando reconstruí-la continuamente, visando à melhoria da qualidade do ensino.
- Desenvolver estudos e pesquisas sobre a prática pedagógica vivenciada na escola, visando à compreensão e reflexão sobre o

cotidiano escolar, priorizando a educação básica no contexto da escola pública municipal.

-Resgatar a relação técnica-ética-política subjacente à prática docente, considerando potencialidades e limitações da ação pedagógica desenvolvidas nas escolas públicas da esfera municipal.

-Garantir, no processo de formação, a transversalidade na abordagem teórico-metodológica da ação docente. (PROJETO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA-MAGISTÉRIO DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2005).

Na perspectiva de consolidar estes objetivos, buscamos na disciplina Avaliação da Aprendizagem fazer uso de diversos instrumentos avaliativos, dentre os quais o uso do diário reflexivo, pois acreditamos que o uso do diário no curso de formação de professores é um dos instrumentos capazes de contribuir para que os professores se transformem em investigadores de si próprios. Inicialmente como narradores e posteriormente como analistas críticos dos registros que elaboram

Os limites impostos pela própria organização do curso não impediu a inserção de novas práticas que visassem ao desenvolvimento profissional do professor. Assim, fizemos uso do diário reflexivo na disciplina Avaliação da Aprendizagem nas turmas do 3º período do curso, com o objetivo de refletir sobre a prática avaliativa no ensino fundamental, contribuir para a formação de professores reflexivos e operacionalizar formas alternativas de avaliação passíveis de serem inseridas no cotidiano da sala de aula.

Num primeiro momento, apresentamos por escrito, aos participantes, a proposta do uso do diário, justificando sua inserção na disciplina Avaliação da Aprendizagem e mostrando esse instrumento de avaliação como norteador do modo de aprender a aprender, que possibilita ao aluno refletir sobre o seu processo de construção do conhecimento e da prática avaliativa. Vale ressaltar que os 73 (setenta e três) alunos-professores matriculados na disciplina fizeram uso desse instrumento, no entanto, a amostra do estudo foi constituída por 08(oito) diários.

Nesse artigo, apontamos inicialmente algumas reflexões sobre a avaliação e em seguida apresentamos a experiência com o uso do diário com alunos-professores no curso de formação docente. E por fim, tecemos algumas considerações acerca da implementação do seu uso na prática avaliativa e como estratégia que contribui para a formação de professores reflexivos.

Avaliação da aprendizagem: um convite à reflexão

A avaliação é um tema presente nas discussões sobre a educação em qualquer nível de ensino. A literatura disponível é vasta e nela os estudos de Hoffmann (1993), Perrenoud (1999), Libâneo (1991) e Luckesi (2000) desvendam o que está em questão quando se avaliam e alertam que o objetivo da avaliação não é mais o de obter um produto pronto e acabado, mas o de procurar conhecer cada vez mais o aluno e a realidade que o integra. Pois a finalidade do processo avaliativo é realizar uma intervenção contínua da realidade para melhor conhecê-la e entendê-la.

Avaliar é uma atividade intrínseca e indissociável a qualquer tipo de ação que vise provocar mudanças. Neste sentido, a avaliação é uma atividade constituinte da ação educativa, quer estejamos nos referindo à avaliação do projeto educativo, à avaliação do ensino ou à avaliação da aprendizagem. Segundo Sacristán (1998, p. 303), “a ação de avaliar apresenta-se com uma competência profissional muito genérica que pode compreender práticas muito diversas”. Assim, cada professor pode adotar um estilo diferente, de acordo com suas crenças, posicionamento pedagógico e a maneira de colocar em prática o processo de avaliação.

Desta forma, nós professores, precisamos refletir sobre a nossa prática pedagógica e não podemos pensar em avaliação desvinculada da epistemologia do conhecimento e da prática que desenvolvemos, pois:

[...] a avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, com ação- reflexão – ação que se passa na sala de aula em direção a um saber apropriado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno. Uma conexão entendida como uma reflexão aprofundada sobre as formas como se dá a compreensão de educando sobre o objeto do conhecimento (HOFFMANN, 1993, p. 148).

Essa nova dimensão da avaliação coloca-a como um processo e não apenas como etapa final, procurando construir referenciais provisórios na busca da explicitação da avaliação e sugerindo uma forma de registrar a caminhada do aluno e ressignificar a prática pedagógica do professor.

Ao refletir sobre sua própria prática e levar o aluno à reflexão, o professor estará incentivando a interação entre alunos/professor e o questionamento sobre a proposta teórica e a experiência prática. Pois, quando o professor é um profissional que reflete

sobre sua própria prática num processo caracterizado por Schön (1992) de “*reflexão-sobre-a-ação*” e sobre a “*reflexão-na-ação*” provavelmente levará o aluno a esta postura reflexiva sobre seu desempenho, buscando o aprimoramento.

No entanto, é relevante frisarmos que não é possível pensar sobre a avaliação sem refletirmos sobre os referenciais teóricos que a constitui o suporte da proposta pedagógica correspondente, auxiliando, assim, a teorizar a partir da *ação-reflexão-ação*.

Neste sentido, a avaliação deixa de ser vista como uma etapa de fiscalização ou ponto final e passa a ser concebida como um processo em curso conforme uma seqüência de interação e o “[...] diagnóstico é inútil se não dar lugar a uma ação apropriada. Uma avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada [...]” (PERRENOUD, 1999, p. 15). Desta forma estabelece-se uma relação íntima e importante entre a avaliação e a intervenção pedagógica, ambas entendidas como situações formativas que exigem competências específicas.

Nesta perspectiva, percebemos o quanto a avaliação da aprendizagem poderá contribuir na organização do ensino, pois esta dá condições ao professor para compreender o estágio de aprendizagem em que o educando se situa. Neste sentido, Libâneo (1991) nos leva a refletir sobre o que a sociedade espera da escola e do professor, enfatizando a responsabilidade do professor em trabalhar no sentido do desenvolvimento autônomo e independente dos alunos.

A avaliação faz parte do cotidiano docente, rotineiramente julga e está sendo julgada, dá opiniões e toma decisões, o que além de ser uma exigência burocrática, é parte integrante do processo de ensino, refletindo objetivos, conteúdos e métodos de seu plano educacional.

Na prática pedagógica, a avaliação tem grande importância, por meio desta é possível verificar se o sistema de ensino está atingindo os objetivos, o grau de eficiência da prática docente, como também o nível de aprendizagem em que o aluno se encontra.

Na opinião de Luckesi (2000), a avaliação não está encerrada nela mesma. E será um instrumento auxiliar de aprendizagem e do crescimento do aluno sempre que estiver de acordo com um projeto pedagógico. E a definiu como “um ato pelo qual, através de uma disposição acolhedora, qualificamos alguma coisa (um objeto, ação ou pessoa), tendo em vista, de alguma forma, tomar uma decisão sobre esta” (p.9).

Na perspectiva de Hoffmann (1995), a ação avaliativa enquanto mediação deve contribuir para superar posicionamentos que fortaleçam as relações de poder na sala de aula. Neste sentido,

A avaliação enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber apropriado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. (p.148).

Percebemos, portanto, a importância da reflexão e do diálogo na ação docente em favor de uma avaliação em uma perspectiva mais ampla. Parece claro, então, que a avaliação precisa ser repensada a partir da organização do trabalho pedagógico, buscando superar a estrutura burocrática e técnica que ainda prevalece na escola.

Assim, a avaliação diagnóstica-formativa adquire papel fundamental no processo ensino-aprendizagem. A diagnóstica procura verificar os avanços e dificuldades do aluno e tomar decisão, enquanto a formativa possibilita o redirecionamento da ação docente durante o processo.

De acordo com Despresbiteris (1993),

[...] numa perspectiva mais ampla a avaliação continua visará a uma regulação interativa, ou seja, todas as relações professor-aluno serão avaliações que permitam adaptações do ensino e da aprendizagem.” (In: SOUZA, p. 67).

Concebendo a avaliação da aprendizagem enquanto um processo dinâmico voltado para o diagnóstico das aprendizagens efetivadas e das falhas a serem superadas no decorrer das relações de ensino e aprendizagem, a prática pedagógica desloca a preocupação do resultado para o processo, da classificação para a construção do saber, do autoritarismo docente para o pluralismo e responsabilidade compartilhada por todos aqueles envolvidos na tarefa educativa.

A avaliação passa a ter por objetivo principal a transformação e a elaboração de novas etapas de desenvolvimento cognitivo. Perceber as dificuldades como superáveis e o conhecimento como um processo de construção significa reconhecer as muitas possibilidades de transformação do contexto social e das relações que nele se estabelecem. Dessa forma, podemos compreender a avaliação como instrumento de impulso da aprendizagem enquanto reflexão sobre a mesma, tornando-se ela própria uma ação.

A avaliação proposta pelos autores citados, fundamenta-se numa prática avaliativa que possibilita ao aluno a tomada de consciência das suas dificuldades e

avanços durante o processo de aprendizagem e ao professor possibilita refletir sobre sua ação pedagógica em função das aprendizagens efetivas dos alunos. Assim, as práticas homogeneizadoras, que enfatizam apenas a quantificação, as atitudes e tudo que o aluno adquire, perdem seu lugar. O que se quer é promover uma avaliação ao longo do processo de aprendizagem, centrada no diálogo professor/ aluno, tendo em vistas a emancipação do sujeito (ESTEBAN, 2001).

As propostas de avaliação e os estudos relativos à formação de professores fundamentados numa linha de ação mais reflexiva tem insistido na necessidade da superação do paradigma de racionalidade técnica que tem dominado a ação docente, dificultando o crescimento profissional do professor. Desta forma, vários pesquisadores têm se posicionado a favor da formação do profissional reflexivo, investigativo, capaz de construir sua autonomia docente.

Nesta perspectiva, Nóvoa (1992, p. 30) sugere um olhar mais real acerca dos aspectos pessoais, profissionais e organizacionais das práticas docentes e recomenda investir na pessoa do professor num momento de crise e de mudança, tendo em vista que “ [...] uma das fontes mais importantes de *stress* é o sentimento de que não dominam as situações e os contextos de intervenção profissional”. Assim, a profissão docente, enquanto autônoma na produção de seus saberes, necessita, segundo Nóvoa, de um espaço de formação coletivo que possibilite situações reais de reflexão sobre as práticas docentes.

Nesta perspectiva, o diário abre esta possibilidade, pois se constitui em uma das estratégias no sentido de promover aquilo que Schön (1995) designou como “*reflexão sobre a ação*” e “*reflexão sobre a reflexão na ação*”. Assim, tem sido valorizado na formação de professores pela possibilidade de associar à escrita a atividade reflexiva, permitindo ao professor uma observação mais profunda dos conhecimentos da prática.

O diário é um instrumento de registro utilizado pelo aluno para anotar as reflexões desenvolvidas após cada aula. Tais registros devem expressar a tomada de consciência do que aprendeu, possibilitando a ele mesmo e ao professor o acompanhamento da sua trajetória cognitiva. No entendimento de Zabalza (1994), a elaboração de diários contribui para a transformação dos professores em investigadores de si próprios, inicialmente como narradores e posteriormente como analistas críticos dos registros que elaboram.

Esta proposta convida o aluno a uma reflexão a partir de suas produções, leituras e discussões em sala de aula, com certo distanciamento, uma vez que ao analisá-las, passa a perceber seu compromisso com o aprender e envolve-se com os temas estudados.

Diário: um instrumento alternativo de avaliação na formação de professores reflexivos

Na busca de um novo sentido para avaliação da aprendizagem, coerente com um projeto de ação educativa que busca desenvolver-se na perspectiva de formar professores reflexivos, fizemos uso do diário como um instrumento de avaliação da aprendizagem em um curso de formação de professores em nível superior.

Ao analisarmos os diários encontramos registros de momentos em que se deu a tomada de consciência dos alunos-professores acerca da importância de refletir sobre seu processo de aprendizagem e a viabilidade do uso do diário enquanto instrumento de avaliação não só da aprendizagem, mas também do ensino. Para ilustrarmos, utilizamos alguns registros visando dar uma amostra de sua eficiência como instrumento que possibilita o aluno fazer uma reflexão sobre o que aprendeu e como aprendeu.

Os alunos-professores ao fazerem uso do diário apresentaram em suas reflexões: impressões sobre a disciplina, opiniões e dúvidas, como mostram os registros dos alunos-professores a seguir:

[...] foi uma experiência muito boa, pois tivemos a oportunidade de socializar as nossas atividades, por meio do diário, e perceber que por meio deste instrumento é possível o professor avaliar também a sua prática.” (aluna-professora F.M)

[...] ajuda a refletir sobre o que você fez e desenvolve a habilidade de escrever (aluna-professora G. F)

[...] esta disciplina foi muito proveitosa para minha profissão. A partir de agora irei procurar a melhor maneira na hora de avaliar [...]. E em termos de recursos vou procurar variar, pois foi possível ver na prática outras formas de avaliar além das provas, que podem ajudar o professor a fazer mudanças na sua forma de ensinar, para que o aluno possa aprender melhor. (aluna-professora T.C.)

[...] é um recurso muito bom, porque podemos recapitular as aulas anteriores, mas em minha opinião é difícil trabalhar assim quando se tem turmas com muitos alunos. (aluno-professor R.N)

Outro exemplo é o registro representativo da *reflexão-em-ação*, de Schön(1992), característica da própria avaliação formativa, segundo Hoffmann(1993), Depresbiteres (1999) e Luckesi (1996), que leva o aluno a pensar criticamente sobre seus avanços e dificuldades vivenciados durante o curso, tendo a possibilidade de rever suas ações, como mostram as alunas-professoras R. L. e J. P., “[...] por meio do diário o professor pode fazer uma reflexão sobre o seu trabalho.” e “O diário ajuda a gente a descobrir e reconhecer nossos erros. É um recurso muito bom, porque podemos recapitular as aulas anteriores, mas na minha opinião é difícil se trabalhar quando se tem turmas com muitos alunos.” E a conclusão do diário escrito por A.J.,

[...] É uma pena que a disciplina já esteja terminando, pois tenho certeza que o conhecimento de avaliação não se limita apenas no que trabalhamos, mas valeu, porque contribuiu para que pudéssemos construir uma visão acerca da teoria articulada com a prática. Tivemos a oportunidade de discutir não só a teoria, bem como a nossa prática avaliativa e perceber que precisamos modificá-la, pois a prática tradicional ainda é muito presente em nossas ações, até porque o sistema nos exige a nota.

Por fim, vale ressaltar que os fragmentos de registros dos alunos-professores também são reveladores de como o diário pode ser um instrumento útil e necessário para auxiliar o aluno na busca e construção de sua aprendizagem, conforme o registro de V.P., “[...] o uso do diário permite melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem”, bem como possibilita ao professor refletir sobre sua prática pedagógica e buscar estratégias de intervenção.

Considerações finais

Os registros apresentados evidenciam que o diário é um instrumento que possibilita ao aluno refletir sobre o processo de aprendizagem, bem como a viabilidade do uso do diário enquanto instrumento de avaliação não só da aprendizagem como do ensino. Assim, o caráter da avaliação tem outra dimensão, pois propicia avanço, progresso, mudança e a criação do novo. Dessa forma, a avaliação deixa de ser uma prática pontual, isolada, convertendo-se em um processo contínuo de reflexão crítica,

apontando para um processo dinâmico, seja de planejamento de ações, seja de compromisso permanente com o fazer docente e com a aprendizagem do aluno. Pois avaliar, segundo Dalben (2002, p.23), “envolve especificamente, o processo de autoconhecimento do aluno e do professor”.

Ao propor o diário como um instrumento de avaliação, altera-se a visão de um aluno passivo, que centraliza sua atenção na reprodução dos conteúdos apresentados pelos professores. Pois a escrita reflexiva da qual o diário é portador desencadeia reflexões que levam à tomada de consciência e à reelaboração dos conhecimentos e aprendizagens. Assim, o diário apresenta-se como um instrumento apropriado para a formação docente ao possibilitar a reflexão na ação, levando à tomada de consciência das conquistas e dificuldades, condição essencial para o desenvolvimento do profissional reflexivo.

Referências

CARVALHO, Mirtes G. H. de. **A prática pedagógica dos professores do ensino médio regular noturno no processo de avaliação da aprendizagem**. 2002. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

DALBEN, Ângela I. L. de F. Das avaliações exigidas às avaliações necessárias. In: DARSIE, Marta Maria P. **Avaliação e aprendizagem**. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, n. 99, Nov. 1996.

DEPRESBITERIS, Lea. **Avaliação educacional em três atos**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1997.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

HOFFMANN, Jussara M.L. **Avaliação mediadora, uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

_____. **Avaliação mito e desafio:** uma perspectiva construtivista. 2. ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

HONÓRIO, Teresa Christina T. S. **Avaliação da aprendizagem no ensino fundamental da rede municipal de Teresina: um estudo de caso.** 2000. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.

NÓVOA, Antonio. (coord.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992. (Coleção temas de Educação, 39)

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. & PÉREZ GOMEZ, A. **Comprender e transformar o ensino.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.(Coleção Temas de Educação, 39).

SILVA, Janssen Felipe; HOFFMANN, Jussara M.L.; ESTEBAN, M^a Teresa (Orgs.). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas:** em diferentes áreas do currículo. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

UFPI. **Projeto Curricular do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia-Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental,** 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Avaliação:** concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Libertad, 2001.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula:** contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.